

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA PATAFÍSICA – OUTRAS EXPERIÊNCIAS EM ARTE

JÚLIA PETIZ PORTO¹; CAROLINA MESQUITA CLASEN, LUANA REIS
SILVINO²; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT³

UFPEL – juliapporto@gmail.com
UFPEL – carolina.mescla@gmail.com
UFPEL – luarsilvino@gmail.com
UFPEL – carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O grupo Patafísica explora a criação de proposições para mediações de exposições de arte e em escolas. O principal espaço expositivo de atuação do grupo é a galeria A SALA/Centro de Artes/UFPel. Ao trabalhar junto e compartilhar saberes de experiências (BONDIA, 2002) procuramos, com a ação e a prática de mediação, estabelecer um contato mais íntimo entre as artes, seu ensino e o público. Assim, a narrativa é tramada na primeira pessoal do plural porque é desta maneira que se constituem as proposições, no encontro entre planos e agentes da mediação. Nós, as mediadoras patafísicas, artistas-educadoras, visitantes-alunos e o que a própria exposição enuncia.

Aqui apresentamos duas mediações/proposições que provocam esse contato tecendo a escrita com reflexões de Suely Rolnik e Lygia Clark. A primeira mediação, a qual o grupo chamou de *Desenho Preso*, convidava ao contato corpo a corpo como disparador para o gesto de desenhar; aconteceu na galeria A Sala para aproximar as turmas recebidas das temáticas da exposição Problemas de Pintura¹. A segunda, chamada *Receita de Escola*, aconteceu em um piquenique realizado dentro de uma sala de aula com a turma do 3º ano da Escola Municipal Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque em que traçamos um plano, uma planta baixa, um projeto de uma escola “ideal”.

Nessas mediações, debatemos e experimentamos maneiras de desenhar que flexibilizam o gesto para além do representar mimético e dos suportes tradicionais nas salas de aula.

Essas outras experiências artísticas, diferentes da compreensão de conteúdos da história da arte e de mediações puramente informativas, podem ser

¹ A exposição aconteceu no período de 6 de abril a 2 de maio de 2018. “A mostra contou com a participação de dez artistas que pesquisam as possibilidades da pintura em suas investigações poéticas. A proposta da exposição é de autoria do professor do curso de Artes Visuais da UFPel, Clóvis Martins Costa, que coordena a pesquisa “Problemas de Pintura: Especificidades e Distensões”. A mostra, portanto, aborda questões bastante específicas da pintura como a cor, a superfície e a produção de imagens ligadas aos gêneros tradicionais (paisagem e retrato, por exemplo), e aponta a expansão do campo da pintura por meio da intersecção com o desenho, gravura, fotografia e a arquitetura. Observa-se, no conjunto de trabalhos apresentados, um panorama bastante abrangente dos questionamentos que engendram a produção pictórica contemporânea e coloca-se a urgência/emergência do fazer pintura na atualidade.” – Disponível em: <http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2018/04/03/a-sala-recebe-a-exposicao-problemas-de-pintura/> - acesso em 23 de julho de 2018.

um respiro para as práticas de ensino da/com arte, contribuindo para a democratização e dessacralização da arte.

2. METODOLOGIA

O encontro é pensado como impulso para os processos criativos do grupo. A partir de conversas, partilhas de histórias e pães e biscoitos, são elaboradas mediações que ventilam ideias presentes também nas obras de Lygia Clark e nos Domingos de Criação de Frederico Morais.

No conjunto de obras propositivas entre os anos de 1960 e 1970 há exemplos de artistas, como Lygia Clark, que tencionam a postura contemplativa do espectador, provocando sua ação e fazendo dela parte do acontecimento artístico. A proposição *Caminhando*, é parte desta série que exemplifica tal apontamento. Na leitura de Suely Rolnik, suas proposições “favorecem, naqueles que se dispõem a experimentá-las, o acesso à sua própria potência de criação e à eventual ativação do trabalho para dela reapropriar-se(...).” (ROLNIK, p.2 2017)

No Patafísica, a criação é pensada como ato coletivo independente da geração de um produto final. Procuramos aproximações entre o público, as questões da arte contemporânea e da arte e educação através do fazer. Enunciado pelo próprio corpo no *Desenho Preso*, o desenho que desenho é mediado pela mão do outro que faço riscar o papel pela posição em que me espelho no chão, isso se dá atrelado pelo jogo de equilíbrio entre tentar controlar uma mão e soltar a outra, para que o outro me faça riscar.

Delineando um círculo no chão da Galeria, nossos corpos flexibilizam o gesto de desenhar, enquanto verbo infinitivo, em suas possibilidades. Nesse desenhar, nos movimentamos como um corpo coletivo, em que cada movimento reverbera pelos corpos conectados e as linhas traçadas por eles.

O fazer coletivo modifica momentaneamente o espaço da galeria, dissolvendo a rigidez formal que o espaço impõe. No ato de desenhar atentamos a “abertura de uma outra maneira de ver e de sentir o tempo e o espaço” (ROLNIK, p. 3, 2017). Segundo Lygia Clark, durante a imersão no fazer, mergulha-se em “um tempo sem antes nem depois; um espaço sem frente e verso, dentro e fora, encima e embaixo, esquerda e direita” (Apud ROLNIK, p. 4, 2017).

Essa fazeção, patafísica e coletiva, dá a ver os desdobramentos do tempo e do espaço imbricados por uma ética do encontro, aumentando a potência de agir (ESPINOSA apud DELEUZE, 2002) do plano que se compõe entre arte, educação e experiência. A aula de arte, um piquenique com o 3º ano, desfez as questões formais da sala de aula quando mesas e cadeiras são arrastadas e sentamos no chão. O piquenique aconteceu com a divisão de lanches (feitos por nós especialmente para aquela ocasião) somada às possibilidades e impossibilidades de escola que ocuparam todo o quadro negro com a gestologia da criação. Como se a dissolução do tempo-espacó escolar convencional, transbordasse através do gesto como reinvenção dele mesmo. Esse movimento

foi um projeto de escola riscado no quadro negro coletivamente, onde usualmente são postas apenas as caligrafias, ideias e ideais do professor.

Escrevendo em pratos de maneira coletiva compartilhando esse espaço de desenho, inventamos espaços para a escola, escolas. Todos sentados ao chão projetando esse espaço no quadro da sala, no plano vertical, dobraramos o corpo e buscamos outra escola no espaço cotidiano da sala de aula. Como praticar o cotidiano?

O desenho é ideia, projeção, materialização, criação. Grava enquanto rисa aqui, e lança-se enquanto possibilidades de imagens, lugares, agenciamentos/articulações outras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Figura 1- Registro da mediação *Desenho Preso*. Galeria A SALA/Centro de Artes, Pelotas/RS. 2018

A partir de uma conversa sobre a repetida prática/proposição/exercício do “Desenho Livre” nas aulas de arte em diferentes escolas e situações experienciadas ou inventadas pelos patafísicos, propusemos não um tipo de desenho, livre, e sim uma ação de desenhar. A mediação/proposição *Desenho Preso* articulada aos “Problemas da Pintura” provoca, pela propria repetição dos temas - o desenho e pintura - tratados ao longo da história da arte e da arte educação, a diferença pelo modo, pela operação do desenhar, pelo gesto que busca um outro corpo que desenha; devolvendo para a exposição, por exemplo, conversas entre pintura e fotografia.

As mediações artísticas aqui investigadas propõem a prática da mediação como experiência educativa a partir do par experiência/sentido (BONDIA, p.21, 2002). A partir da ação, cria-se um olhar diferente para o espaço. A presença física do mediador, muitas vezes substituída por mídias eletrônicas e cartazes, pode convidar a ficar mais um pouco, olhar de novo, demorar-se.



Figura 2- Plano de possibilidades para escola. Escola Municipal Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque.Pelotas/RS. 2018

Caminhamos pelas brechas entre as linguagens artísticas, como o desenho e a proposição, para levantar questões e contaminações sobre arte e vida. Gerar e compartilhar perturbações, dúvidas, atravessamentos.

4. CONCLUSÕES

Foi possível perceber que nos encontros, tanto no ambiente de sala de aula quanto na galeria, torna-se sensível a necessidade de outra forma de habitar as instituições mediadoras do ensino da arte e permeável à experiência pessoal com as obras que se dá de maneira diferente para cada pessoa.

As mediações artísticas propostas pelo grupo, se preocuparam e estão vetorizadas, de uma maneira geral, pelo aprofundamento das questões: o que nos passa quando passamos por uma exposição de arte? O que nos marca? Que vestígios deixa na nossa rotina? As ações educativas tratadas são alternativas ao campo e se dão através da prática que logo se volta para a produção de sentidos sobre o fazer. Isso sugere para as temáticas de democratização e dessacralização da arte, que a potência das proposições transforma a ação/performance/brincadeira, possibilitando nos encontrarmos, estabelecendo conexões de ordem ética, retomando encontros sobre arte e vida como fundamentais para o desenho do espaço de criação, expositivo e educativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-2478200200010003>.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa:** filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002

ROLNIK. Suely. O saber-do-corpo nas práticas curatoriais. Driblando o inconsciente colonial-capitalístico. Santander, Porto Alegre, 05 jun. 2017.
.htm